

A AUDÁCIA DA SABEDORIA:
MOVIMENTOS SOCIAIS, GRUPO DE ESTUDOS DE SOCIOLOGIA E JUVENTUDE

Carlos Henrique Amaro Calcia¹

João Henrique Catraio Monteiro Aguiar²

Resumo:

O presente artigo visa a reflexão em torno da articulação entre movimentos sociais, juventude e uma proposta inovadora para o ensino de sociologia: Grupo de Estudos de Sociologia. Pretendemos lançar o debate sobre a formação de discentes mais aptos à produção acadêmica. Para que isso aconteça é estimulada a perspectiva sociológica. Isso feito no Colégio Pedro II, historicamente associado ao ensino de excelência. Mormente nas humanidades. Ademais, está contemplado o debate sobre a prática de ensino na contemporaneidade, visto que se narra um pouco da trajetória dos autores, em sua própria experiência de estágio. Para tanto, o presente texto dialoga com amostras de produção bibliográfica recente e relacionada ao ensino de sociologia na escola básica. Pretendemos lançar também o debate sobre a formação de outro tipo de docente: pró-ativo, consciente de seus alunos, fiel à missão de construir uma sociedade mais justa, através da democratização do ensino de humanidades avançado na escola pública. Orientando, por outro lado, o docente - integrante ou não de movimentos sociais – sobretudo um ser que deseja tornar-se mais consciente de sua juventude, e trazer para ela o acúmulo de experiências do velho. Plano presente no projeto político-pedagógico do Colégio. Nossa proposta para o fomento deste tipo de ensino, docente e discente é a experiência analisada a seguir do Grupo de Estudos de Sociologia. Proposta que visa integrar a audácia à sabedoria.

Palavras-Chave

Colégio Pedro II, Grupo de Estudos de Sociologia, Movimentos Sociais, Juventude.

“Conhecimento é poder”

Francis Bacon

“Torna-te aquilo que tu és”

Friedrich Nietzsche

¹ Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Licenciando em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, 10º Período. Trabalha em um núcleo de educação popular na FE – UFRJ. Ex-estagiário do Colégio Pedro II e idealizador do Grupo de Estudos de Sociologia. E-mail: carloscalcia@yahoo.com.br.

² Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pesquisou em Sociologia da Cultura no NUSC – IFCS/UFRJ. É poeta, ator, ex-aluno e ex-estagiário do Colégio Pedro II. Idealizador do Grupo de Estudos de Sociologia. Email: catraioaguiar@bol.com.br

"Caminante, no hay camino, se hace camino al andar."

Antonio Machado

1- Introdução

A educação *pública, laica, de qualidade* teve problemas em se estabelecer no Brasil. Se *ainda hoje* o tem é talvez por fatores históricos: patrimonialismo, parasitismo de outras nações, subdesenvolvimento, inação das instâncias políticas superiores frente à educação. A lista seria imensa e daria todo um artigo à parte. Não é à toa que a discussão dos problemas do país é uma pedra basilar de todo pensamento social que aqui se desenvolveu. Contudo, o artigo ao qual nós nos prestamos a apresentar aqui é sobre um tema mais específico dentro da educação *brasileira*. Intentamos apresentar: o Grupo de Estudos de Sociologia, os movimentos sociais de juventude atuais, o Colégio Pedro Segundo e a educação brasileira de forma articulada.

Começamos falando sobre a instituição escolar singular que é o Colégio Pedro Segundo. Criado em 2 de dezembro de 1837 através de um decreto de Bernardo Pereira de Vasconcelos³, marcou uma época; sua criação seria exemplar para instituições educacionais fundadas posteriormente. Até hoje o Colégio Pedro Segundo cultiva o status de: colégio de qualidade, federal, formador de cidadãos, inclusivo, formador de quadros políticos, congregador de pessoas, incrementador de capital cultural (VIEIRA, 1997). Se antes era internato, hoje virou externato. Se antes só havia a Unidade Centro, hoje existem também as Unidades: Duque de Caxias, Engenho Novo, Humaitá, Niterói, Realengo, São Cristóvão, Tijuca. Não é uma escola isolada, mas uma rede de escolas, firme frente à corrosão que o tempo pode impor às instituições. Esse é um ponto importante do colégio que se expressa em seu projeto político pedagógico. É uma autarquia federal, com espaço resevado na constituição⁴. Certamente, o colégio foi o início da superação de várias características da sociedade brasileira. Durante muito tempo a educação visava incutir os ideais católicos, havia analfabetismo em grau elevado e reprovação idem (RIBEIRO, 1981). Foi um pólo de alunos não só com sapiência, mas também com influência sobre a sociedade em que viviam. São ex-alunos do colégio: Manuel Bandeira, Hélio Beltrão, Barão do Rio Branco,

³ Antes funcionava o Seminário de São Joaquim, que foi reformado e adotou o nome do Imperador-menino.

⁴ O artigo 242 da Constituição, no § 2º: "O Colégio Pedro II, localizado na cidade do Rio de Janeiro, será mantido na órbita federal.". Ser o único colégio mencionado na Constituição é prova de sua importância para a nação brasileira.

Hermes da Fonseca, Rodrigues Alves, Nilo Peçanha, Washington Luiz, Afonso Arinos de Melo Franco, Alceu de Amoroso Lima, Gilberto Braga, Mister Catra, Mario Lago, Pedro Nava, Turibio Santos, Caribé e muitos outros. É notória a atuação dos alunos em atividades extra-curriculares, bem como pela inclinação política de grande parcela. Muitos alunos do colégio fizeram, junto à UNE, em um passado recente, uma frente de resistência à extrema-direita radical⁵ (MÜLLER, 2007). Portanto, funde-se no colégio tanto a política como a ciência. Os alunos que mais se destacam costumam ter boas notas e participarem ativamente das questões mais candentes de seu tempo. O posicionamento frente ao capitalismo e o Grupo de Estudos de Sociologia são exemplos disso. Criou-se uma identidade através da atuação dos Grêmios, das atividades extra-curriculares, das festas juninas, encontros de ex-alunos, de Tabuada, entre outras características peculiares à instituição.

A partir da tradição que foi mostrada acima, nós iniciamos nossa atividade como estagiários no Colégio Pedro II. Tendo em vista o amparo em dados amplamente divulgados, pesquisa bibliográfica e práticas metodológicas diversas, nossa escrita não está condicionada *somente* à observação participante. Pretendemos neste artigo expor não apenas a experiência e o local de estágio; como também demonstrar um projeto, que tornou possível a leitura de complexos textos clássicos das ciências humanas aos alunos de Ensino Médio. Evitamos a “mera descrição” das atividades escolares, por ser pouco produtiva (ANDRÉ, 2008).

É possível observar uma singela influência que nós enquanto estagiários imprimimos na instituição. Isso através da experiência do Grupo de Estudos de Sociologia do Colégio Pedro II - Unidade Humaitá II (em diante GES), que será abordado de forma mais específica à frente. O GES foi acolhido pelos alunos, tanto os que participavam das reuniões quanto os que não participavam. A maior prova disso foi o abaixo-assinado gerado pelos estudantes a fim de que nós pudéssemos dar prosseguimento ao projeto, tendo em vista que ele se encerraria junto com nosso período de estágio. Pode-se da dinâmica de interação social estagiário-aluno extrair acontecimentos possíveis *apenas* porque existe a ação ou presença dos pesquisadores/estagiários. Há, decerto, um “efeito-estagiário”, em paralelo ao tradicional “efeito-professor” (DUBET, 1997). Geralmente o estagiário tem mais influência no campo educacional que o aluno, por possuir mais capital simbólico e muitas vezes mais capital social (BOURDIEU, 2007). Isso afeta

⁵ Se nossa conjuntura é a de tempos sombrios com nacionalismo radical na Europa, como nos atenta Lier Pires Ferreira no seu artigo “Os movimentos nazi-fascistas e a II grande guerra”, a juventude se torna novamente no país um foco de resistência. Tal como em outros momentos foi.

as relações. Vale lembrar que é possível construir um ensino que estimule uma perspectiva crítica dos alunos, desconstruindo uma postura apática, condicionada pela ideologia dominante (SANTOS, SILVA; 2009). Certamente o GES visou isso.

2 - O estágio e o projeto

O início no estágio é marcado de reflexões teóricas e ensaios práticos de didática. Há enlace entre teoria, atividade do estágio e exercício da profissão de professor; que vai além de uma simples imitação do professor que recebe o estagiário (MONTEIRO, 2002). Indo além da atividade simples do estágio e situando-se antes do exercício do magistério pleno, foi planejado o projeto do GES. É importante ressaltar que o estagiário, quando pró-ativo e consciente das conseqüências de suas propostas, quando munido de idéias relevantes, merece ter seu espaço de participação ampliado. Esta autonomia aventada tem por fundo o amplo diálogo e *feedback* da equipe profissional da escola, bem como um entendimento com os alunos.

Sabendo que perfilávamos as condições necessárias para a construção de uma proposta, forjamos um esboço inicial. Uma seleção de textos foi feita visando uma consonância com o Projeto Político e Pedagógico do CPII e com os programas das disciplinas de Sociologia e Ciências Sociais. João propôs uma seleção inicial de textos, acompanhada de uma metodologia e uma proposta de horários e dias para realização da atividade para-curricular. Posteriormente, a proposta foi trabalhada em conjunto com Carlos. Assim, nós mostramos o material para o coordenador de disciplina, para a chefe de departamento e para a diretora da unidade; foi aceito por todos. A nós foi cobrada responsabilidade na condução das reuniões (chamadas de “encontros”, mais adequado que aulas). Além disso, faríamos relatórios mensais sobre o mesmo. Instituímos dois dias para o GES e dois horários. O que permitiria a presença de alunos de todos os turnos (manhã, tarde e noite) e não excluiria os alunos envolvidos em iniciativas extra-classe.

Todos (alunos e estagiários) leriam os textos selecionados antes dos “encontros”. Cada encontro teria um texto específico a ser comentado. Prezamos por mostrar desde os textos mais clássicos, tais como Marx, Durkheim, Weber, até os mais recentes, como Giddens ou Canclini. Nesse espaço paracurricular os alunos poderiam unir a teoria e a leitura da Sociologia com fatos cotidianos, práticas, análises da sociedade, etc. Debates efetivamente aconteceram, o que foi

proveitoso tendo em vista o estímulo à reflexão sociológica gerado. Foram observadas também polarizações nos debates e escolhas diferentes entre os autores preferidos dos alunos.

3 – Juventude: GES, Movimentos sociais e reflexões estudantis.

É notório que os alunos tinham preferências imprevisíveis. Por isso, fizemos uma prática não-ortodoxa no primeiro encontro do GES. Carlos teve a idéia de que os alunos escolhessem três palavras que simbolizavam a Sociologia para eles ou que eles gostariam de discutir de certa forma. Assim eles expressariam seus desejos para com a disciplina e ao mesmo tempo nós saberíamos o perfil dos alunos. Pedimos que eles fizessem uma redação. Evidentemente, nem todos fizeram. Mas alguns trabalhos foram dotados de boa argumentação e uma espécie de inclinação teórica embrionária. Foi estimulada com a redação uma forma mais livre, próxima do ensaio, em que se poderia captar com qual autor o aluno simpatizaria, a partir de sua própria capacidade de reflexão. Seguindo também na esteira de tentativas pedagógicas não convencionais, João teve a ideia de exemplificar a relação entre indivíduo e sociedade através de círculos no quadro-negro. Desenhando bolas concêntricas e usando setas para indicar o predomínio da bola maior fora ou a bola menor de dentro, João mostrava o peso do indivíduo ou da sociedade na Sociologia dos clássicos. Isso facilitou em muito o entendimento dos alunos de Weber, Marx, Durkheim e Simmel; e ao mesmo tempo deu maior oportunidade de expressão ao estagiário. Se por um lado é preciso estimular com que o aluno se expresse de forma inovadora, o professor ou estagiário deve fazer um esforço para se fazer entendido; nem que para isso os recursos utilizados sejam inusitados. Essa nossa prática não exclui qualquer prática anterior, muito menos visa abolir a prática chamada comumente no meio pedagógico de “cuspe e giz”. Às vezes uma forma de ensinar mais tradicional é mais eficiente e muito mais adequada. É bom ressaltar que as turmas em geral apresentam alunos desinteressados, rebeldes, desatentos, ressentidos, etc. O GES era um espaço diferente, pois os alunos tinham responsabilidade, atenção, competência, e muitas outras qualidades. O ambiente era favorável, e a disciplina fora entendida. Contudo, há determinadas situações em que o ensino precisa se fazer rude, incisivo, e por vezes não admitindo muitas inovações. Nas situações complexas é preciso muitas vezes assumir uma postura mais tradicional e com isso fazer com que a disciplina seja entendida. E por vezes a motivação psicológica dos alunos é mais afetada positivamente através do ensino já

consolidado pela tradição do campo escolar que pelos novos hereges que no campo se estabelecem. Apesar de tudo, os alunos tinham seus motivos para participar do GES.

Os do primeiro ano do Ensino Médio (EM daqui por diante) porque alguns não conheciam a disciplina. Os do segundo ano porque já conheciam a mesma e estavam envolvidos em projetos e estudos extra-curriculares. Os do terceiro ano do EM por vontade de conhecer mais o meio acadêmico. Alguns “terceiranistas” tinham verificado Ciências Sociais como opção mais sensata em testes de orientação vocacional. Inclusive, todos os alunos que participaram do GES e estavam no terceiro ano fizeram vestibular para a área de ciências humanas. Dois deles passaram para Ciências Sociais e atualmente cursam bacharelado. Dessa forma, não houve grande desentendimento com os alunos e nem com o corpo docente. Tivemos incentivos de alunos e professores que divulgaram e defenderam a existência do GES, como o já mencionado abaixo-assinado. Com isso, nós também amadurecemos e ficamos mais próximos tanto dos alunos quanto dos professores. E em que isso se conecta com a juventude, com os movimentos estudantis?

Enquanto este artigo estava sendo planejado, um participante do GES debateu temas de educação na rede Futura, vestindo camisa com a imagem de Paulo Freire, famoso educador. O irmão de um de nós perguntou qual seria a razão para estar tão jovem indivíduo naquele estúdio (sentado entre veteranos militantes do magistério, aliás), ao que recebeu a seguinte resposta: “ora, ele faz parte de movimentos sociais, provavelmente por isso está aí”. Esta anedota ilustra a associação frequentemente feita entre juventude e movimentos sociais. Juventude é um termo vastamente empregado por sociólogos; refere-se a uma determinada faixa etária, assim como adolescência e puberdade. Sendo motivo de disputa, não só socialmente como também academicamente. Ele se liga bastante à estória relatada acima. Para analisar o termo, tomaremos como inspiração o livro *Juventude: Ensaio sobre Sociologia e História das Juventudes Modernas*, de Luis Antonio Groppo:

“Podemos definir a juventude como uma categoria social. Tal definição faz da juventude algo mais do que uma faixa etária ou uma 'classe de idade', no sentido de limites etários restritos - 13 a 20 anos, 17 a 25 anos, 15 a 21 anos etc. Também, não faz da juventude um grupo coeso ou uma classe de fato, aquilo que Mannheim chama de grupo social concreto. Não existe realmente uma 'classe social' formada, ao mesmo tempo, por todos os indivíduos de uma mesma faixa etária.” (GROPPO, 2008, pg. 7).

Juventude é um conceito social que motiva disputas. Essa criação simbólica encerra conjuntos de práticas, reflexões, atos, motivações, considerados típicos a uma determinada faixa etária. Adolescência e puberdade são conceitos etários também muito usados. Diz-se que a juventude abrange pessoas na faixa de 12 aos 29 anos, aproximadamente. Adolescência se refere a um grupo bastante específico, que costuma ser delimitado entre pessoas de 13 a 18 anos. A pedagogia é uma ciência que costuma se valer desta noção. Puberdade se insere, por sua vez, confortavelmente no vocabulário da medicina, e está focado nas transformações biológicas que ocorrem por volta do início da adolescência. Não se deseja exaurir, aqui, as possibilidades de emprego destes termos. Vale dizer que o termo *juventude* é bom para trabalhar a imaginação sociológica dos alunos. Comumente, alguns deles dizem que certos idosos podem ter mentalidade jovial, portanto juventude seria um termo ambíguo. Não deixam de ter razão, mas faz-se necessário explicar que o conceito goza de certa estabilidade. “Juventude” é um conceito em que pode ser incluído o de adolescente, contemplado pelo Estatuto da Criança e do Adolescente; ao mesmo tempo, este jovem pode ser considerado como partícipe das leis voltadas aos adultos. E a esse termo estável, se juntam lutas que oscilam com o tempo. Atualmente há certas questões na pauta das reivindicações⁶ que catalisam a união dos estudantes enquanto juventude, tais como: luta pelo passe-livre, luta pela meia-entrada nos cinemas, boicote a estabelecimentos comerciais e alimentícios, luta em prol do meio-ambiente, luta pela cidadania.

Não há como negar que o embasamento teórico auxilia na posição tomada pelos estudantes, não só em discussões como nas suas práticas ou monitoramento das ações. O GES atuou com a juventude, de forma a mostrar o capitalismo e dar a eles a opção de pensar para além do capital (MÉSZAROS, 2005). Deu aos alunos condições da imaginação sociológica ser exercida, não através de biografia (SILVA, 2005), mas através dos próprios textos e dos debates. Ao atuar estimulando o já citado, criou margem para competências (PERRENOUD, 1999) paracurriculares serem desenvolvidas. Tudo isso obviamente influi na construção de um alunado mais engajado e capaz de se colocar frente às contingências da sociedade, como demonstra o exemplo do aluno que foi ao Canal Futura. Há também casos de alunos que não tinham qualquer

⁶ Talvez seja hoje o momento de resgatar o ethos combativo que proporcionou a inclusão da sociologia no ensino médio, tal como Santo Conterato nos diz em seu artigo. A árdua batalha para que a disciplina fosse estabelecida é para ontem o que hoje pode ser a sua consolidação e seu aprofundamento. O GES se coloca como uma nova reivindicação, nova proposta; que veio para *somar*. E não para dividir ou diminuir lutas ou questões anteriores.

inclinação para a disciplina e foram tomando gosto com o tempo, e às vezes, a despeito de uma resistência à área de conhecimento mais humana. Dois alunos chegaram próximo de elaborar seus próprios ensaios. Um sobre Sérgio Buarque de Holanda, outro sobre Hobbes e Weber.

4 – Conclusão

Tendo em vista que os alunos muitas vezes encaram *só a teoria* ou *só a prática*, foi importante o estímulo a ensaios que alunos plenamente envolvidos no movimento estudantil tiveram. Isso feito através de um contato com textos que normalmente não tinham, ou não teriam como alunos de EM. Os trechos de livros que foram disponibilizados para leitura eram originais, primários, clássicos, fundantes da Sociologia brasileira e mundial. Os alunos desenvolveram a *perspectiva sociológica*, (SARANDY, 2008) e foi incentivado um incremento cognitivo nos mesmos. Fornecendo subsídios para que os discentes contemplassem quadros referentes à realidade desigual da sociedade brasileira. Não só isso, permitindo que os alunos atrasem o avanço do etnocentrismo, do preconceito e de práticas que rechacem a alteridade.

Desta forma, criam-se pontes entre gerações e entre grupos jovens diferentes entre si. Através do estudo aprofundado da Sociologia, fomentado pelo GES, e através da atividade contínua e altruísta de estagiários pode-se criar novas frentes para construção de um mundo melhor. Nesse novo espaço educacional, não se fecha o olho para a necessidade de práticas. Aprende-se com a pesquisa, com a vivência. Mas também não se esquece a importância de ser estimulada a leitura, tão esquecida ou tão temida, de autores clássicos. É preciso romper com a tendência da leitura superficial, do comentário pouco embasado, da discussão pela discussão. Com isso, vemos um jovem com a mente mais aberta ao mundo em que vive. E se é para ter uma atitude crítica frente à sociedade, ele certamente o terá, mas sem que isso lhe seja imposto. Ao aluno cabe a liberdade, em certo sentido, de escolher qual sua orientação intelectual; qual sua vocação política, qual sua vocação científica. Ainda que isso acarrete coerções as mais diversas vindas dos grupos opositores. Não é escusado aos participantes de empreitadas como o GES, o movimento estudantil ou os movimentos de juventude esmorecer. O mundo de hoje encerra crises econômicas, ambientais, políticas, etc. Tais conturbações são sem precedentes na História mundial. E não há também em certos casos a possibilidade muito confortável de ser indiferente.

Sabe-se que ontem os movimentos sociais de juventude se limitaram a fazer com que o mundo entendesse os jovens, agora é preciso que os jovens entendam o mundo. Para isso, é necessário que o jovem de hoje se instrua em novas formas de debate, que o espaço público seja de fato acessível e democrático. Sabe-se hoje que o espaço privado goza de certa liberdade, decerto pela constituição cidadã conquistada em 1988. Mas isso não esgota as possibilidades de usufruto da cidadania. Atualmente também há incentivo (como existiu em um passado próximo), não só de particulares, como também por parte de governos (em diferentes níveis) à criação e manutenção de organizações não-governamentais (ONG's). Bem diferente desta tendência forte a nível mundial é o GES. Pois ele é o Estado que se faz democrático. É a iniciativa pública, vinculada ao nível federal, abrindo espaço para a construção de ideias, ideais, ações sociais. O espaço que se pensava ser conquistado nas ruas pode muito bem ser conquistado em salas, salões, auditórios. Se a opressão ao gênero humano em sua oportunidade de livre-pensar, livre-estudar, livre-falar é difusa, a resistência também o deve ser. E *se* não há a possibilidade de exposição simultânea de todas as ideias que os alunos têm, é possível ao menos *estimular* a exposição das que existem. E *estar atento para as que virão*.

Referências Bibliográficas (Sugestões gerais):

ANDRÉ, Marli Eliza D.A. de. *Etnografia da Prática Escolar*. SP: Papyrus, 2008.

BOURDIEU, Pierre. *O poder Simbólico*. 10ª Edição, RJ: Bertrand Brasil, 2007.

CONTERATO, Santo. *A saga da sociologia no ensino médio*. In: *Perspectivas Sociológicas*, abr/2008 a out/2009, ano 1, nº 1, Rio de Janeiro: Revista eletrônica do departamento de Sociologia do Colégio Pedro II.

DUBET, François. *Quando o sociólogo quer saber o que é ser professor* – Entrevista concedida à: PERALVA, Angelina Teixeira e SPOSITO, Marília Pontes. (tradução de Inês Rosa Bueno). *Revista Brasileira de Educação* mai/jun/jul/ago 1997, nº5, set/out/nov/dez 1997, nº6

GROPPO, Luís Antonio. *Juventude: Ensaio Sobre Sociologia e História das Juventudes Modernas*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

MÉSZAROS, István. *A educação para além do capital*. SP: Editorial Boitempo, 2005.

MONTEIRO, Ana Maria F. C. "A prática de ensino e a produção de saberes na escola". In: CANDAU, Vera Maria (org.). *Didática, currículo e saberes escolares*. RJ: DP&A, 2002.

PERRENOUD, Phillipe. *Construir as Competências desde a Escola*. Porto Alegre: Artmed Editora, 1999.

PIRES FERREIRA, Lier. *Os movimentos Nazi-fascistas e a eclosão da II grande guerra*. In: *Perspectivas Sociológicas*, nov/2008 a abr/2009, ano 1, nº 2, Rio de Janeiro: Revista eletrônica do departamento de Sociologia do Colégio Pedro II.

RIBEIRO, Maria Luísa. *História da educação brasileira: a organização escolar*. SP: Moraes, 1981.

SANTOS, Caroline; SILVA, Afrânio Oliveira. *Capital social, capital humano e educação: o ensino da sociologia e a construção da cidadania*. In: *Perspectivas Sociológicas*, nov/2008 a abr/2009, ano 1, nº 2, Rio de Janeiro: Revista eletrônica do departamento de Sociologia do Colégio Pedro II.

SARANDY, Flávio Marcos Silva. *Sociologia e filosofia no Ensino Médio*. In: <http://www.artnet.com.br/gramsci/arquiv175.htm> (acessado 1/11/2008)

SILVA, Ileizi Fiorelli. *A Imaginação Sociológica: desenvolvendo o raciocínio sociológico nas aulas com jovens e adolescentes (experiências e práticas de ensino)*, In: Simpósio Estadual de Sociologia, Secretaria de Estado de Educação do Paraná, Curitiba, 20 a 22 de Junho de 2005.

VIEIRA, Flávia Braga. *A Sociologia no Colégio Pedro II: Resultado da convivência entre o tradicional e o transformador*. 1997, s.l.

Legislação:

Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.

Estatuto da criança e do adolescente, São Paulo: Editora revista dos tribunais, 2004.

Lei nº 11.684, de 2 de junho de 2008

Lei 9.394, de 20 de Dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional)

Orientações curriculares nacionais para o ensino médio: volume 3. Ciências humanas e suas tecnologias. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.

Projeto Político-Pedagógico do Colégio Pedro II – 2001.